



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – LICENCIATURA (NOTURNO)

Maria Luiza dos Santos Rosa

Olhares entrelaçados: o grito do bugio e o amor multiespecífico

Florianópolis

2024

Maria Luiza dos Santos Rosa

Olhares entrelaçados: o grito do bugio e o amor multiespecífico

Trabalho de Conclusão do Curso submetido ao curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Victor Anselmo Costa, Msc.

Florianópolis

2024

Dados inseridos pela própria autora.
Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.

Rosa, Maria Luiza dos Santos

Olhares entrelaçados : o grito do bugio e o amor multiespecífico / Maria Luiza dos Santos Rosa ; orientador, Victor Anselmo Costa, 2024.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. amor multiespecífico. 3. reintrodução. 4. bugio-ruivo. 5. paisagem multiespécies. I. Costa, Victor Anselmo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Maria Luiza dos Santos Rosa

Olhares entrelaçados: o grito do bugio e o amor multiespecífico

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciada em Ciências Biológicas e aprovado em sua forma final pelo Curso Ciências Biológicas.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2024.

Prof^a. Daniela Cristina de Toni, Dra^a.
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof. Victor Anselmo Costa, Msc.
Orientador

Prof^a. Ana Maria Hoepers Preve, Dr^a.
Universidade do Estado de Santa Catarina

Prof. Marcelo Gules Borges, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Carlos Roberto Zanetti, Dr.
Suplente

Florianópolis, 2024

Aos dezesseis bugios que tiveram a coragem de reconquistar sua liberdade.
Que Meiembipe os acolha como seu lar – como sempre foi.

AGRADECIMENTOS

Jamais seria capaz de resumir em poucas páginas o quanto sou grata por tantas das existências que cruzaram meu caminho ao longo de minha vida. E como é de vida que fala este trabalho, boa parte dessas vidas que conheci contribuíram para sua elaboração. Agradeço então, primeiramente, de forma geral a todas as formas de vida que não citarei – e me limitarei a citar brevemente alguns nomes específicos.

Agradeço à minha família, por sempre se esforçar para me proporcionar as condições para realizar meus sonhos. Meu pai, Edson, e minha mãe, Marli, que me deram a vida e que me incentivaram a me encantar por ela. Minhas irmãs, Marina e Mariana, que sempre cuidaram de mim como caçula e sempre estiveram por perto para me ajudar com qualquer dificuldade. Todos os animais domésticos que fazem ou que já fizeram parte do que conheço como família pelas lindas relações multiespecíficas que construímos. Minha família argentina, Claudia, Miguel e Regina, por me acolherem como filha e sempre torcerem por minha felicidade, mesmo a 2 mil quilômetros de distância.

Ao meu companheiro André, por acreditar em mim mesmo quando eu mesma não queria acreditar. Por todo o amor e suporte em todos os momentos e por não me deixar desistir.

Aos amigos e às amigas da época do Colégio de Aplicação – Ricardo, Giullia, José, Anarela, Mélaney e Isabela –, por fazerem parte de minha história há tantos anos. Seguiremos juntos por muitos anos ainda. Aos amigos às amigas da graduação – Maria Eugenia, Gabriel, Mayara, Agier e Jozias – que partilharam da mesma caminhada que eu desde o início do primeiro semestre. Também a Núbia e Thays, que encontrei pela metade do caminho. Tenho certeza de que não teria sido tão bom se não fosse por todes vocês.

À minha grande amiga e grande amor Thaís Ceccato por me compreender perfeitamente, mais do que eu mesma em muitas situações. Por me acolher em sua vida há tantos anos. Por permitir que eu faça parte da sua. Se existir aquela coisa de “almas gêmeas”, tenho certeza de que seríamos uma da outra. Agradeço também ao Matheus, que veio com ela e se tornou uma presença importante em minha vida, a ao pequeno Pedrinho, a mistura dos dois e que recentemente começou a descobrir o mundo.

Agradeço imensamente às minhas companheiras de trabalho Ale, Edna, e Rai e Van. Mulheres incríveis, fortes, determinadas e, ao mesmo tempo, gentis, leais e amigas. Somente nós cinco sentimos na pele o quanto o último ano foi difícil, mas conseguimos realizar muitas coisas lindas juntas. O sol, a chuva, a exaustão física, os arranhões e picadas de inseto sempre

valerão a pena com vocês. Aproveito para agradecer ao Instituto Fauna Brasil por me possibilitar fazer parte dessas histórias e por ceder dados para esta pesquisa.

Quero agradecer especialmente à Vanessa Kanaan (a Van). Já fiz isso dezenas de vezes, mas não me canso de dizer o quanto sou grata por todas as oportunidades e confiança que foram depositadas em mim desde que nos conhecemos. Obrigada por ter percebido meus olhos brilhando na primeira vez que me viu. Obrigada por acreditar em minhas capacidades e me incentivar a melhorá-las cada vez mais. Obrigada por me permitir ajudar a realizar sonhos. Estaremos juntas, sempre.

Agradeço ao meu orientador, Victor Anselmo Costa, por aceitar mergulhar a meu lado nos estudos multiespécies e por toda a atenção dedicada a mim e a este trabalho que construímos juntos. Obrigada por confiar em minhas bagunças mentais. Obrigada por me convencer de que minhas ideias faziam sentido. Obrigada por me ajudar a desenvolver a coragem de escrever uma pesquisa que faria sentido para mim.

Não posso deixar de agradecer profundamente à Universidade Federal de Santa Catarina, que foi minha segunda casa por mais da metade de minha vida. Foram incontáveis os dias nos quais, inclusive, passei mais tempo na UFSC do que em minha própria casa. Tenho muito orgulho em dizer que fui formada, desde uma parte da infância, por uma das melhores universidades da América Latina. Pública, gratuita e transbordando qualidade. Sentirei saudades de nosso convívio diário. Quem sabe nos vemos novamente em alguns anos.

Por fim, agradeço aos principais personagens de todas as histórias que venho contar. Agradeço a eles, aos bugios, pela coragem de escolher a liberdade. Agradeço à Mata Atlântica por recebê-los. Agradeço a todos os seres compartilhantes que conheço. A cada animal, cada planta, cada fungo, cada microrganismo, cada vida. Cada linha que forma as malhas da vida. Este trabalho existe graças a vocês e foi escrito para vocês.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um convite para a construção de olhares encantados através das Ciências Biológicas e de novas formas de se criar relações com o mundo o qual habitamos. A partir da participação da autora no projeto de reintrodução do bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*) na Ilha de Santa Catarina, realizado pelo Instituto Fauna Brasil, o objetivo desta pesquisa é de incorporar as experiências vividas ao lado dos bugios como uma inspiração para o desenvolvimento de olhares mais atentos às outras formas de vida, em contextos multiespecíficos. Através da leitura de autores como Ailton Krenak, Anna Tsing, Vinciane Despret, Antônio Bispo dos Santos, Nastassja Martin, entre outros nomes importantes nas críticas ao Antropoceno e aos modos humanos dominantes de se relacionar com outras espécies e com a própria Terra, foi possível construir conjuntos intensos de reflexões, que compõem este trabalho em sua totalidade. Mobilizando o conceito de amor multiespecífico, como resultados deste trabalho, foram compostos fragmentos narrativos de algumas cenas vividas tanto ao lado dos bugios, quanto em outras situações, com outros personagens vivos que compõem as malhas da vida.

Palavras-chave: amor multiespecífico; bugio-ruivo; reintrodução; paisagem multiespécies.

ABSTRACT

This final paper is an invitation to build enchanted looks through the Biological Sciences and new ways of creating relationships with the world we inhabit. Based on the author's participation in the reintroduction project of the howler monkey (*Alouatta guariba clamitans*) on the Ilha de Santa Catarina, carried out by the Instituto Fauna Brasil, the objective of this research is to incorporate the experiences lived alongside the howler monkeys as an inspiration for the development of more attentive looks at other forms of life, in multispecific contexts. Through the reading of authors such as Ailton Krenak, Anna Tsing, Vinciane Despret, Antônio Bispo dos Santos, Nastassja Martin, among other important names in the criticism of the Anthropocene and the dominant human ways of relating to other species and to the Earth itself, it was possible to build intense sets of reflections, which make up this work in its entirety. Mobilizing the concept of multispecific love, as a result of this work, narrative fragments of some scenes lived both alongside the howler monkeys and in other situations, with other living characters that make up the meshes of life, were composed.

Keywords: multispecies love; southern brown howler monkey; reintroduction; multispecies landscape.

SUMÁRIO

1	MICÉLIO	10
2	COGUMELO	25
3	ESPOROS (OU CADERNO DE FRAGMENTOS)	33
4	SIMBIOSES	55
	REFERÊNCIAS.....	59

1 MICÉLIO

Este trabalho é separado em quatro capítulos, todos nomeados com palavras relacionadas a formas de vidas dos fungos. Fiz isso como uma forma de associação com os trabalhos com cogumelos de Anna Tsing, uma de minhas principais referências ao longo de minha escrita; e também porque atribuí alguns significados a cada um desses títulos.

O primeiro, “Micélio”, me remete a interligações, conexões. Ao mesmo tempo, é como uma base – é como se fosse o corpo principal de um fungo. Um cogumelo só nasce porque há um micélio, porque o micélio o nutriu com as memórias de quem viveu antes. Sendo assim, nesse capítulo falarei de raízes, de origens – todos os entrelaces que vieram e vêm me atravessando desde que nasci e cujas experiências servem como base, como fonte de recursos para construir um novo corpo – o corpo desta pesquisa e meu próprio corpo, como bióloga.

O segundo capítulo, chamado de “Cogumelo” representa a materialização e estruturação desses corpos. Os corpos que, agora mais robustos e não mais escondidos sob a terra, terão o poder de lançar seus produtos pelo ar. Nesse capítulo, trago a fundamentação – o substrato da pesquisa para que esse corpo possa brotar e esporular.

O terceiro, “Esporos”, que contém meu caderno de fragmentos, representa justamente a dispersão dos produtos do corpo. Através dos esporos, a pesquisa se instala em novos lugares – se multiplica, se reproduz. E a partir de cada esporo, novos corpos podem surgir.

Por fim, a “Simbiose” como título do capítulo final. É quando os entrelaces são tão profundos, que os corpos se fundem. As existências passam a ser profundamente compartilhadas. A existência dos bugios, já livres, emaranhados com outras vidas da mata, assim como minha própria existência contaminada não só por eles, mas por todos os outros compartilhantes que me cruzaram pelo caminho.

Pode ser importante também esclarecer as escritas em *itálico* que surgem ao longo do texto. Elas representam uma voz multiespecífica que, vez ou outra, surgem rasgando os textos mais “humanos”. É como se essa voz assumisse o controle de minha mente enquanto eu escrevia e não aceitasse ser silenciada e nem deixada para depois, junto aos fragmentos. Ela deve aparecer exatamente onde ela surge.

Cada ser vivo é uma legião
 Cada um costura corpos e “eus” como um alfaiate
 Cada uma dessas formas tem o mesmo peso, a mesma importância
 Cada forma, cada natureza vem do outro e representa seu igual
 Cada ser vivo é em si mesmo uma pluralidade de formas, mas
 Cada uma dessas formas não existe de maneira verdadeiramente autônoma, pois
 Cada qual se define em continuidade imediata com uma infinidade de outras antes e depois dela mesma
 (Coccia, 2020 apud Britto; Silva, 2022, p. 338).

Não há existência humana que não seja num contexto multiespécie. Ou melhor, não há vida que ocorra sem a participação de outros seres. Nem o nosso corpo é somente nosso, já que dividimos espaço com os milhares de organismos que compõem a microbiota de nosso trato gastrointestinal, por exemplo. As células que nos formam não são somente nossas, se lembrarmos que a grande maioria delas contém as mitocôndrias em seu interior – essas que, ao menos um dia, foram organismos separados. Nem o nosso código genético é exclusivamente nosso, uma vez que, ao longo de milhões de anos de evolução, diversos seres interagiram de modo tão intenso a ponto de compartilhar genes e influenciar a determinação de algumas de nossas características.

Todas essas relações entre seres ocorrem não apenas na espécie humana, mas em (e entre) inúmeros outros organismos, em todos os lugares, o tempo todo. Relações “menos íntimas” com outras formas de vida – ou pelo menos aquelas que não ocorrem literalmente dentro dos corpos de alguém – também acontecem o tempo inteiro, mesmo que alguns de nós tenham dificuldade em reconhecer. A questão é que não há uma individualidade na natureza; pois, se assim fosse, não haveria vida.

Vida é entrelace. Rede. Teia. Emaranhado.

Vida é feita de **nós**.

Caras e caros colegas, devemos reconhecer as evidências: esses pretensos tinnitus são na verdade um sinal poderoso enviado pelas aranhas. É preciso ouvi-lo. Não, é preciso vibrar com ele e com ele reverberar. [...] Aprenderemos, com elas, a cultivar os tinnitus, a acolhê-los e honrá-los – graças às aranhas, estaremos conectadas(os) à terra pelos nossos tímpanos. E poderemos então sentir os cantos do planeta e do cosmos, dos caules e das plantas que respondem às vibrações das cigarras mudas; o ar será nosso palco, e o vento, nosso regente. Escreveremos finalmente a poesia de um silêncio trêmulo e quase sussurrado (Despret, 2022, p. 33).

Sou um pequeno inseto que, atraído pelo belo brilho dos fios de seda organizados de forma perfeitamente imperfeita em padrões geométricos sedutores, se enredou na teia da vida. Ainda muito jovem, uma borboleta recém-saída do casulo, fui acalentada pelas canções de ninar vibradas pelas aranhas e me aconcheguei. É aqui mesmo onde devo estar. Sempre quis estar envolta de vida.

O desejo pelos embaraços e, principalmente por compreendê-los me levou a tomar as mais importantes decisões de minha existência, até o presente momento. Decisões que, felizmente, me envolveram ainda mais. Teia também é ninho. O que me capturou, me acolheu – e é onde eu deveria estar.

Não levou muito tempo para que eu entendesse que queria ser bióloga. Desde que conheci essa palavra e o que significava (até lá, minha vontade era de ser médica veterinária), o *tinnitus* – que é como um zumbido – se instalou no interior de meus ouvidos numa frequência cada vez mais alta, pulsando até coincidir com o ritmo das batidas de meu coração. Antes mesmo que eu pudesse compreender, foi meu encantamento com a multiplicidade da vida e o forte desejo, vibrante como a comunicação das aranhas (Despret, 2022), de saber mais profundamente sobre os seres vivos e de tentar decifrar, pelo menos um pouco, do que querem dizer, o que me levou a fazer as escolhas que fiz e o que me trouxe até aqui hoje. Desde antes que eu pudesse compreender minha própria existência, ela já era partilhada com centenas de outras espécies que sempre conviveram comigo, mesmo dentro de minha própria casa.

Cresci em uma casa na Vargem Pequena, uma das áreas ainda não tão urbanizadas da Ilha de Santa Catarina, o que me proporcionou uma infância com poucos vizinhos humanos, mas muitos vizinhos e coabitantes não humanos. O quintal muito espaçoso sempre foi cheio de vida, em cada detalhe. Grandes árvores repletas de bromélias e cipós crescendo agarrados aos seus troncos, condomínios de teias construídos pelas aranhas que vivem nas beiradas dos telhados, pássaros e morcegos que se deliciam com as frutas que amadurecem nos pés, fungos e bactérias decompondo as folhas e galhos que já morreram... Todos esses coexistindo comigo

e com minha família que, ao meu ver, também é multiespécies, pois é composta não apenas por meus parentes humanos, mas também por todos os animais domésticos que formam e que um dia já formaram o que conheço como família. Relações de respeito, confiança e afeto foram criadas ao longo de algumas décadas – e novas surgem o tempo inteiro, somando-se, intensificando ainda mais e trazendo ainda mais participantes para essas assembleias biológicas (Tsing, 2019).

Assim como Tim Ingold, gosto de ver as dinâmicas da vida como malhas, como fios entrelaçados tecendo mantas que abrigam e aquecem a todos nós, seres vivos. Em sua obra “Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição”, de 2011, Ingold diz:

A malha não é uma rede de pontos conectados, mas um emaranhado de linhas entrelaçadas. Essas linhas são os rastros ao longo dos quais a vida é vivida. Cada uma dessas linhas descreve um fluxo de material que é, ao mesmo tempo, itinerante, traçando seu caminho através da textura do mundo, e generativo, trazendo formas à existência (Ingold, 2011, p. 63, tradução própria).

Meu pai sempre gostou muito de viver nesse espaço entrelaçado, demonstrando constantemente muito orgulho, preocupação e cuidado em manter essas vidas de pé e seguras. Lembro dele me ensinando nomes de passarinhos e de plantas, colhendo acerolas e araçás de nossa horta e me oferecendo para experimentar, discutindo com vizinhos que queriam cortar de qualquer jeito os galhos das árvores nativas que ultrapassavam os limites de nossas cercas. Ele fala que “se não quer ter o trabalho de varrer meia dúzia de folhas, que vá morar em apartamento”.

Estive, então, desde que nasci, admirando e reconhecendo a importância de ter todas essas formas de vida presentes em meus dias. E hoje me identifico com Ailton Krenak, quando diz: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que consigo pensar é natureza” (Krenak, 2019, p. 10). Tudo o que existe desde o nascimento do universo é natureza. Tudo o que somos e que nossos ancestrais foram é natureza. Tudo o que já foi, tudo o que é hoje e tudo o que ainda será construído na Terra é natureza, porque tudo vem dela. É algo indissociável do que conhecemos como vida.

E foi a beleza de todos esses encontros que seguem acontecendo cotidianamente o que me hipnotizou e me atraiu quase magneticamente a buscar, através da ciência, conhecer melhor e compreender mais de toda a vida que nos cerca. Um desejo tão intenso que faz com que eu não consiga me imaginar tendo outra profissão, se não a de bióloga.

Ao entrar no curso de graduação em Ciências Biológicas, muitas das certezas que eu pensava ter foram confirmadas. Encontrei um novo ninho, dentro do qual eu poderia me desenvolver até que chegasse a hora de saltar em direção aos primeiros voos.

Dentro desse ninho, pude me alimentar, fortalecer minhas asas e esperar minhas penas crescerem – sempre olhando atenta ao redor para conhecer o mundo, mas ainda de dentro do abrigo, contando com sua segurança e com seu calor. Talvez, o medo de enfrentar os céus sozinha tenha me feito adiar um pouco a hora de voar. Por muitas vezes, cheguei até a beirada, abri as asas, cheguei a flexionar os joelhos para pegar impulso, mas não consegui. Talvez ainda não estivesse na hora certa. Quando percebi que meus voos jamais serão solitários, me senti mais segura. Meus voos poderão fazer parte de grandes revoadas multiespecíficas.

Devo confessar que, apesar de ter entrado num curso de licenciatura, nunca desejei ser professora; nunca me imaginei dando aulas, pelo menos não nos espaços formais de ensino. Mas, estive aberta às experiências – e agora, ao fim da graduação, posso dizer que com certeza não é exatamente o caminho da docência escolar que quero seguir – e sou grata por tais vivências, já que estar imersa num curso de licenciatura me proporcionou aprender muito sobre como educar com biologia, algo muito importante para qualquer profissional da área, mesmo para quem não atua nos espaços escolares.

Algumas vezes, fiquei um pouco preocupada durante a graduação, talvez por conta dos limites e normas impostos pela academia. Durante bastante tempo, me pareceu que havia apenas duas possibilidades para quem saísse da graduação em Biologia: ou docência, ou pesquisa. Nem ser professora e nem ser pesquisadora (ao menos não de forma somente teórica, sem experiências de corpo) me atraíam. Nenhuma das opções me inflamava o suficiente. Sempre quis estar envolta de vida, de muitos tipos diferentes de vida. Não somente por outros humanos, numa sala de aula, e nem precisando escolher um grupo específico para ser “objeto” de uma pesquisa, limitando os olhares e sem reparar em quem está ao redor.

Aliás, não gosto do termo “objeto de pesquisa” quando se trata de um outro ser vivo. Mesmo que a palavra “objeto” possa ser utilizada em diversas situações, me remete a uma coisa, a algo que mantém sua forma e função independentemente do contexto, algo que não vive. Que não colabora. Que não contamina (Tsing, 2022). “Objeto de pesquisa” é quem está sob poder de outro, suscetível aos testes e análises que o outro realizará. É passivo, é sem voz. E essas características não combinam em nada com a vida. Tsing (2019) também diz que, nos moldes das ciências atuais, tão rígidas e metódicas, “o amor não flui entre o especialista e o objeto”

(Tsing, 2019, p. 59). Se eu não quisesse que o amor fluísse entre mim e os seres que me rodeiam, não faria sentido estudar biologia.

O amor foi a chave para minhas escolhas de vida. E essa foi mais uma das minhas certezas que foi confirmada durante um episódio logo no início da graduação.

Era a primeira aula de Biologia Celular do segundo semestre do curso. O professor Giordano Calloni propôs que toda a turma fizesse uma breve apresentação sobre si – tínhamos feito isso tantas vezes em outras disciplinas que já era cansativo. Nome, de onde veio, mais algumas perguntas meio superficiais e a mais importante: “Por que você escolheu cursar biologia?”. Uma pergunta que parecia um pouco despretensiosa, sem prestar muita atenção, parecia até tão superficial quanto as outras. Mas o professor deu toda a atenção cada resposta, dando a importância que merece.

Todas as pessoas da sala, com exceção de duas ou três (que responderam que tinham escolhido o curso de biologia porque não tinham conseguido passar em medicina), mesmo com toda a diversidade de respostas que variavam de acordo com os interesses individuais dentro da biologia, tinham algo em comum, que foi precisamente observada e apontada pelo professor. Todas essas pessoas disseram, de alguma forma dentro de suas respostas, que escolheram estudar biologia porque sempre gostaram, desde pequenas. Encantamento. As palavras do professor ao revelar essa constatação me marcaram para sempre. Tomarei a liberdade de narrar aqui o que foi dito por ele, mesmo sem lembrar exatamente das palavras usadas.

Quando a última pessoa terminou de se apresentar, após alguns segundos de silêncio, o professor perguntou: “Vocês notaram o que todos aqui têm em comum?”. Ficamos num silêncio confuso, pensando, não tínhamos reparado nas convergências das respostas – talvez justamente porque não demos a importância que merecia aquela pergunta. Continuou:

Todo mundo disse que escolheu a biologia porque sempre gostou. E saibam que uma das poucas coisas (talvez a única) que manterá cada um no curso, é o amor. Não tem outro motivo para escolher a biologia se não for o amor. Se alguém entrar aqui pensando que poderá conquistar dinheiro, poder ou status, estará no curso errado, pois não é nada disso que os aguarda como futuros biólogos. E, na verdade, cada pessoa que escolheu estar aqui por amor, já nasceu bióloga. Vocês já são biólogos desde que descobriram esse amor”.¹

Considero muito importante ressaltar que, a meu ver, esse amor não deve ser encarado como algo semelhante ao amor romântico. O amor romântico muitas vezes está intimamente relacionado ao sacrifício, a se doar o máximo possível pelo ser amado, independentemente das consequências e do sofrimento que isso pode causar – atos vistos como virtudes. No mundo no

¹ Transcrição não literal de fala do Professor Dr. Giordano Wosgrau Calloni, proferida durante aula no Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

qual vivemos, precisamos trabalhar para sobreviver – e, muitas vezes, o trabalho está relacionado às profissões nas quais humanos querem seguir, por qualquer que seja o motivo que leve a essa escolha. Ser uma pessoa bióloga é trabalho – não um passatempo – e deve ser visto e valorizado como tal. Não é porque cultivamos formas de amor pelas formas de vida, que devemos e podemos nos contentar com o bem-estar e com as realizações pessoais que essas experiências podem proporcionar. Outras coisas são importantes e devem ser consideradas, como deveria ser com qualquer profissão e qualquer trabalho humano (e não-humano) no mundo.

Para mim, o amor que está em jogo não apenas na fala do professor, mas que sempre serviu como força de propulsão em minhas decisões pessoais, acadêmicas e profissionais, é o amor multiespecífico (Tsing, 2019). Esse tipo de amor se mostra em forma de paixão, mas também de afeto – no sentido de afetar e deixar-se ser afetado. É uma contaminação que se espalha exponencialmente se dermos as condições ideais para sua proliferação. É sobre compreender que nada no mundo é estéril e que toda a vida é interligada e emaranhada tão profundamente que todos os fios que a formam jamais serão desembaraçados – e ainda bem. É sobre se deixar encantar. Sobre abrir feridas no próprio corpo e deixar que contaminem, que inflamem.

Ao escutar a fala do professor naquele dia, soube que estava fazendo exatamente o que queria fazer. Estava no lugar certo, no meu lugar de desejo. O *tinnitus* provocado pelas vibrações das aranhas, como conta Vinciane Despret (2022), se tornava cada vez mais alto – alguém “vibraberrava” em meus ouvidos e, de alguma forma, consegui entender o que dizia. Realmente, a principal e talvez única razão para estar ali não era nada racional – era, e ainda é, o amor. Descobri esse amor quando criança, insisti e investi meus esforços nele ao iniciar minha jornada acadêmica e quero seguir cultivando-o até o fim de minha existência – e intensificando-o cada vez mais.

Quero que a pequena plântula de amor, que encontrei em meu quintal e para a qual dediquei meu cuidado e atenção, cresça cada vez mais, que floresça, que frutifique; que se transforme em floresta e que seja lar para tantos. E que siga dispersando suas sementes para o mais longe que puder alcançar.

Um outro professor que surgiu como uma chama em minha jornada acadêmica foi o professor Carlos Zanetti, que iluminou o caminho para que eu aprendesse outras formas de olhar para e através da biologia. Através da disciplina optativa “Aspectos éticos em pesquisa e ensino com animais” e da sensível forma como a conduziu, ele foi como um raio de sol que possibilitou que eu visse com muito mais clareza questões importantes que faziam sentido para

mim. Foi como ele se tivesse acendido alguns pavios que logo entraram em combustão e foram criando grandes labaredas, alastrando-se por meu corpo. A partir de um ponto tão básico e quase óbvio, que é o direito à vida das outras formas de vida, passei a me incomodar profundamente com o antropocentrismo que impera em tantos âmbitos da sociedade, inclusive dentro da academia – e dentro dos cursos de ciências biológicas.

Se todo ser vivo tem direito à vida e, se um dos juramentos das pessoas profissionais da biologia, é de respeitar a vida em todas as suas formas, não faz sentido que vejamos tantas delas como simples ferramentas de trabalho. Como “objetos” de pesquisa. Sem vontades, sem histórias, sem que sejam consideradas como mais importantes do que materiais descartáveis de experimentos. Como se existissem somente para servir a quem as pesquisa.

Nas aulas da disciplina oferecida pelo professor Zanetti, discutíamos assuntos importantes raramente abordados por outros cientistas, principalmente no que dizia respeito à consciência de outros animais. Parece que a ciência por tanto tempo se empenhou em negar a possibilidade de que outros seres possam ter noção das próprias vidas, que criou um outro termo, *senciência*², só para que tenhamos alguma vantagem sobre eles e possamos nos sentir à vontade para agir sobre eles como quisermos; afinal, “não têm consciência”. Não faz sentido. Se somos animais, formados pelas mesmas moléculas que formam os outros seres vivos, dependentes dos mesmos recursos que as outras vidas, por que somente nós teríamos consciência? Como poderíamos saber o que outras formas de vida pensam, sentem, planejam, se não falamos a mesma língua – e na maior parte das vezes nem sequer tentamos, nem nos esforçamos para entender o que nos dizem?

A arrogância é tanta que muitos cientistas consideram como animais “inteligentes” apenas aqueles mais semelhantes à nossa espécie, como outros primatas, ou quando realizam testes cumprindo tarefas que nós entendemos e seríamos capazes de cumprir. Como questiona Frans de Waal (2021), como vamos pesquisar sobre as inteligências de outros animais se só oferecemos testes que fazem sentido para humanos, ignorando toda a diversidade dos modos de ser dos outros organismos?

Todas essas questões debatidas em aula foram aumentando minhas chamadas, fazendo com que tudo ficasse muito mais claro em minha mente sobre o tipo de bióloga que quero ser. Que valoriza e respeita as formas de vida por quem são, que compreende e se encanta com a interconexão e com a interdependência entre as espécies. E que não aceita a “excepcionalidade humana” que muitos acreditam que temos. Temos que descer do pedestal que nos colocamos.

² Senciência é como se fosse um nível inferior à consciência; está relacionado ao sentir, mas sem a capacidade de receber, processar, reter e responder a quem ou a o quê provoca a sensação.

Alguns anos depois, já me aproximando do fim da graduação, conheci mais uma pessoa muito importante em meu processo de formação na universidade. Eu já vinha bem cansada e desanimada após tanto tempo de curso e diante da rotina de uma jovem trabalhadora. Além disso, após o fim da pandemia, as coisas mudaram completamente; minhas amizades seguiram um ritmo diferente do meu, as disciplinas já não coincidiam mais e os encontros ficaram cada vez mais raros até que se tornassem quase inexistentes no ambiente da universidade, por conta dos eventos e demandas das rotinas particulares de cada um. E tudo bem, é normal. Mas devo confessar que, após tantos anos de curso, uma de minhas grandes motivações para continuar frequentando as aulas era justamente o convívio com as pessoas das quais gosto, principalmente depois de ter passado quase dois anos sem estar com essas pessoas. Então, sem as relações mais profundas que construí ao longo da graduação, me restou apenas o cansaço e a vontade de terminar logo, não importava como. Dentro do curso, parecia que nada mais me inflamava – o que brilhava em mim eu estava conquistando fora da academia, já trabalhando na área que sempre desejei. Parecia que não fazia mais tanto sentido eu estar ali, como se eu já não tivesse mais nada para aprender e nem para fazer. Mas estava bem enganada.

Chegou o momento do estágio obrigatório, o momento que sempre temi pelo medo da experiência docente. Eu não fazia ideia que seria essa a disciplina que me faria sentir novamente num lugar de conforto, de acolhimento, de *ninho*. Não fazia ideia de que alguém poderia fazer escolhas de materiais tão acertadas que me fariam recuperar o prazer em ler – algo que há tanto tempo não fazia e que julgava nem ter mais a capacidade de fazer. Mas foi com o professor Victor Anselmo Costa e suas aulas sempre cuidadosamente construídas, cheias de boas referências e as conversas e relações que a disciplina me incentivou a criar que pude sentir de novo o calor de estar dentro da universidade. Voltei a sentir prazer em frequentar a sala de aula como estudante. Voltei a me empolgar com os trabalhos e leituras propostos. Voltei a sentir a universidade como parte de minha vida e de minha formação, e não mais como apenas algo que deveria finalizar.

Ao longo das aulas, fui aprendendo que existem muitas outras formas de trabalhar a educação em biologia, diferentes dos métodos mais tradicionais geralmente propostos nas salas de aula. Formas mais bonitas, mais profundas, que afetam. Que possibilitam enxergar o mundo ao redor com olhos mais atentos e sensíveis. E é desse jeito que gosto de olhar para a biologia.

Essa identificação e admiração pela forma de trabalhar de Victor foi o que me motivou a convidá-lo a ser meu orientador desta pesquisa de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Eu não fazia a menor ideia do que eu gostaria de construir, mas senti que queria finalizar meu

percurso na graduação da mesma forma que o iniciei – com encanto. E sentia também que ele poderia me ajudar a criar algo bonito.

Com o passar dos meses, ao longo de muitas conversas aconchegantes acompanhadas de café, novas ideias surgiam e se multiplicavam rapidamente, como uma colônia de bactérias que se espalha até ocupar tudo. Como contaminação. Chegamos nos estudos multiespécies. Um nome que traduz o que eu não conseguia tirar de minha cabeça através de palavras, ao menos não com facilidade.

Estive insegura durante algum tempo, com medo de não conseguir realizar uma pesquisa que fizesse sentido para quem a lesse – na minha cabeça sim, fazia muito sentido; mas como expressar de forma coerente, através de palavras, o que para mim sempre veio em formas tão embaraçadas e bagunçadas? Tive muito medo também de que esse trabalho pudesse não ser aceito como um TCC de Ciências Biológicas por estar sempre assombrada pelo fantasma rígido da metodologia científica.

Felizmente, tive a sorte de encontrar um orientador atento e acolhedor. Victor foi capaz de decifrar minhas desordens de ideias e de perceber, através de detalhes que muitas vezes passaram despercebidos por mim, potências de escrita que eu poderia aproveitar. Além disso, confiou – e me incentivou a confiar também – que esta seria uma pesquisa muito bem-vinda no campo das Ciências Biológicas. Toda essa atenção e confiança me encorajaram a construir um trabalho que me traria brilho nos olhos, e que provocasse esse brilho também em outras pessoas.

Criamos um coletivo de estudos multiespecíficos, o qual recebeu o nome de “Malhas da contaminação”. Lemos em conjunto obras de autores como Donna Haraway, Anna Tsing, Vinciane Despret, Antônio Bispo dos Santos, entre outros nomes importantes que falam de assuntos relacionados à interdependência das espécies, da vida como linhas conectadas, da convivência humana com outras espécies e, principalmente, que criticam o chamado Antropoceno³ – também conhecido como Capitaloceno ou Platanoceno (Haraway, 2016).

Após as leituras, nos reunimos periodicamente para conversar e discutir sobre os textos. São reuniões muito valiosas.

É quase como se fosse uma polinização – buscamos o pólen contido nos textos e o espalhamos ao redor, dentro de muitas outras flores. E talvez esta pesquisa seja um dos frutos que se desenvolveu a partir disso. Que seja um fruto doce, mas de sabor intenso. Que marque. Que preencha o paladar de quem o provar e que cujo sabor permaneça presente na boca por muito tempo.

³ Termo que se refere ao período atual, no qual as ações humanas impactam diretamente a vida na Terra.

De todos os seres que conheci ao longo de minha vida, pessoalmente ou não, algo nos outros animais (no caso, animais não humanos) me chamava mais atenção. Talvez seja pela familiaridade com nossa espécie. Talvez pelas formas de se movimentar e os tão diferentes hábitos. Talvez porque seus olhos falam, assim como os nossos – especialmente os vertebrados – e falam uma língua que compreendemos com mais facilidade, pois também a falamos – apesar dos diferentes sotaques e variações linguísticas que podem tornar a comunicação um pouco mais complicada. Não sei se há um motivo ou explicação – ao menos, não que eu consiga traduzir em palavras agora –, mas ao mesmo tempo que escolhi que seria bióloga, escolhi também que queria trabalhar com animais silvestres. Eu queria ter cada vez mais contato com esses seres; um contato próximo, direto, íntimo. Queria conhecer mais histórias através daqueles olhos – histórias de força, de resistência e de braveza de quem precisa lutar cada vez mais para se manter num mundo já adoecido, já muito perturbado por práticas humanas. E queria poder contribuir para que esses animais pudessem seguir fortes e donos de suas próprias escolhas. Livres. Criando suas próprias relações com quem quiserem, se quiserem, quando e como quiserem.

Então, meu sonho se ramificou e passou a ser de trabalhar como bióloga com reabilitação e conservação de animais silvestres. E pude iniciar essa trajetória em 2020, em meio à pandemia de COVID-19, que foi um período tão incerto e traumático para muitos de nós. Talvez essa infeliz coincidência tenha até contribuído para que meus olhos pudessem se conectar com mais facilidade com os olhares que encontrava atrás das grades dos recintos. Estávamos todos privados de liberdade; nós, os humanos impedidos de manter nossos convívios sociais e afetivos e eles, os animais em reabilitação. E imagino que todos tivéssemos o mesmo desejo: de voltar a viver a vida que tínhamos antes.

Durante muitos meses, os únicos seres com quem eu tinha um contato físico mais próximo, além de minha família e de colegas de trabalho, foram os animais em reabilitação. Eu sentia falta de viver o mundo, de sentir o mundo como estava acostumada. Diante da impossibilidade disso, comecei a tentar ver e sentir o mundo através do ponto de vista deles, mesmo que eles próprios não o pudessem fazer completamente no momento. Me relacionar com tantos animais diferentes, com histórias tão diversas entre si, foi preenchendo os vazios que tanto me feriam. Naquele momento, observar suas formas particulares de viver, seus modos de ser (Tsing, 2019) me parecia muito mais interessante do que olhar para minha própria vida

que, naquele período parecia anestesiada, apática, sem graça. Para voltar a enxergar a beleza do mundo, olhei através dos olhos de outros alguéns.

A convivência diária com os animais silvestres e com os humanos com os quais eu trabalhava fizeram com que eu me encantasse cada vez mais e sentisse que estava fazendo a coisa certa – estava realizando meu sonho. Aprendi a identificar os indivíduos que estavam sob nossos cuidados pelo rosto e pelo comportamento. Passei a entender que, assim como humanos, animais da mesma espécie podem ser – e muito – diferentes entre si. Cada um com suas preferências na hora de comer, na hora de se esconder, ao interagir com a presença humana; cada um com suas histórias, seus traumas e desejos. Cada um com suas comidas favoritas, com seus companheiros favoritos, e com os enriquecimentos ambientais favoritos. Cada um com um motivo que o fez estar em cativeiro precisando de ajuda humana – motivos esses, em sua maioria, provocados por ações também humanas. Aprendi a amar e respeitar as particularidades de cada um. Aprendi também que amor e apego são coisas diferentes – apesar de amar aqueles seres, deve-se entender que deixá-los ir embora para retomar suas vidas na natureza é o melhor a fazer por eles e pelo mundo. Sofri e chorei com muitas perdas e despedidas, mas aprendi também que esses sentimentos fazem parte da vida e devem ser sentidos, por mais dolorosos que sejam. O viver e o sentir têm uma relação muito íntima. Viver nos permite sentir; e sentir nos faz lembrar que estamos vivos.

Mais de quatro anos se passaram desde que iniciei a caminhada em direção à pessoa que sempre sonhei em ser quando crescesse. Muitas coisas mudaram, mas muitas continuaram iguais. Fui aprendendo a desempenhar novos papéis dentro da instituição⁴, conhecendo um pouco de todas as atividades que possibilitam que o trabalho na área da conservação ambiental aconteça. Passei a ficar mais nos “bastidores” do que no contato direto com os animais. Porém, o brilho no olhar continuou forte, do primeiro dia até hoje. Dia após dia, o amor foi crescendo. E foi crescendo o prazer em conviver com aquelas tão diversas formas de vida, tão diferentes de nós, mas tão semelhantes ao mesmo tempo. Cresceu também, cada vez mais, a sede de lutar para que nossa convivência com animais silvestres não seja limitada por grades – que esses animais que, por alguma razão, perderam sua liberdade, possam voltar a ser donos de suas próprias vontades e desfrutar da Terra que também lhes pertence.

⁴ Instituto Fauna Brasil.

Hoje, tenho muito orgulho em dizer que integro a equipe do Instituto Fauna Brasil (IFB), responsável pelo Projeto de reintrodução do bugio-ruivo na Ilha de Santa Catarina, espécie extinta localmente há mais de 260 anos, segundo informações da mesma instituição (BRASIL, 2024).

O bugio-ruivo (cientificamente conhecido como *Alouatta guariba clamitans*) é um primata neotropical de médio porte, podendo pesar de cinco a doze quilogramas na idade adulta. Se alimentam principalmente de folhas, mas também consomem flores e frutos, contribuindo para a dispersão de sementes nas florestas que habitam. Possuem uma pelagem espessa sobre sua pele negra e contam com uma barba robusta sob o rosto, maior nos machos adultos, mas também presente nas fêmeas e jovens. Os bugios são famosos por sua vocalização, tão potente que pode ser ouvida a quilômetros de distância e que é possível graças ao osso hioide⁵ muito proeminente nesses animais, também maior nos indivíduos machos adultos, principais protagonistas das sinfonias guturais que promovem nas florestas. A vocalização é utilizada para diversos fins, desde a comunicação entre o próprio grupo até a sinalização de predadores e a intimidação de outros grupos de bugios que possam adentrar um determinado território já estabelecido por um grupo. As fêmeas acompanham com rugidos e resmungos mais discretos, mais curtos e contidos, como se fizessem um *backing vocal* para os longos gritos dos vocalistas principais. É um espetáculo.

Em geral, os bugios se organizam em grupos e tendem a seguir a liderança de um dominante, geralmente um macho adulto. Inclusive, a quantidade de barba e a coloração ruiva dos pelos são fatores que, por regra, influenciam (ou também são influenciados) pela posição hierárquica no grupo. Quanto mais dominante, maiores os níveis de testosterona do animal – e a testosterona está diretamente ligada à produção de uma secreção epidérmica avermelhada, que é a responsável por tingir os pelos dos bugios de ruivo (HIRANO, 2004). Sendo assim, quanto maior a dominância de um bugio sobre o grupo ao qual pertence, mais testosterona estará presente em seu corpo e, consequentemente, mais ruivo ele será. É claro que, como tudo na biologia, nada disso é completamente exato, podem existir exceções – já trabalhamos com muitas fêmeas muito mais ruivas do que machos, mesmo sem ocupar uma posição de liderança maior do que a deles – mas pelo que pude observar, ousar dizer que essas fêmeas são mais ativas

⁵ Osso localizado na região da garganta, próximo à base da língua.

do que as menos ruivas, que parecem ser mais passivas e seguir mais as orientações de seus machos dominantes.

Dentro de seus grupos, os bugios constroem fortes relações uns com os outros. Muitos gostam de dormir grudados a seus companheiros, formando uma grande bolota de pelos – é quase impossível de distinguir qual corpo é de quem, de tanto que se embaraçam. Brincam entre si de brincadeiras que podem parecer até um pouco agressivas a olhos humanos, se puxando, dando mordidinhas e se embolando uns sobre os outros, como uma brincadeira de “lutinha”. Demonstram preocupação com companheiros que podem não estar bem e defendem uns aos outros quando percebem algum tipo de ameaça. Às vezes, após algum conflito dentro do próprio grupo, se abraçam como sinal de reconciliação – mas também se abraçam como demonstração de afeto e confiança. Uma outra demonstração de afeto e cuidado entre eles é a catação – retiram dos pelos uns dos outros possíveis ectoparasitas e sujeiras que podem comprometer o bem-estar dos colegas. Inclusive, é possível perceber se um bugio está sendo excluído do grupo através de seus pelos – se estiver muito sujo, é possível que esse indivíduo não seja catado pelos outros, então provavelmente os laços sociais entre ele e o grupo estarão enfraquecidos.

Segundo a IUCN⁶ (2024), o bugio-ruivo (da subespécie *Alouatta guariba clamitans*, que ocorre entre o estado do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, incluindo ainda a província de Misiones, na Argentina) se encontra classificado como vulnerável, já sendo extinto localmente em algumas regiões (principalmente por conta de surtos de febre amarela), incluindo na Ilha de Santa Catarina.

Dentre as causas da extinção do bugio-ruivo na Ilha de Santa Catarina, destacam-se as de natureza antrópica, como a caça, perda de habitat e ocorrência de doenças de potencial zoonótico⁷ que podem ter sido trazidas pelo aumento da população humana nesse período. Além disso, por se tratar de uma ilha, bugios da região continental não conseguem se deslocar para voltar a povoá-la naturalmente, por conta das barreiras físicas do mar que a circunda.

Assim, até o momento da primeira soltura, nenhuma pessoa viva no presente havia visto um bugio-ruivo de vida livre dentro da Ilha (pelo menos não oficialmente, já que não existiam registros conhecidos desses encontros). Dessa forma, a partir do momento da reintrodução, o bugio passou a ser uma espécie nova na região. E, se formos pensar na biologia desse primata, não é um animal muito discreto, dificilmente passará despercebido pelos encontros conosco – seja por seu tamanho (bem maior que outros primatas já residentes da

⁶ União Internacional para a Conservação da Natureza.

⁷ Refere-se a zoonoses, ou seja, doenças que podem ser transmitidas de humanos para outros animais e vice-versa.

Ilha), seja pela sua coloração alaranjada muito viva, observada principalmente nos indivíduos machos, seja pela sua vocalização característica, que chega a ser intimidadora quando ouvida de perto.

Na verdade, a presença dos bugios na Ilha de Santa Catarina é uma novidade não apenas para a população humana, mas também para a maioria das formas de vida que hoje residem na região – com exceção de pequenas áreas onde ainda existe mata primária, onde algumas árvores centenárias podem já tê-los conhecido um dia. São inúmeros encontros inéditos acontecendo ao mesmo tempo.

2 COGUMELO

Não acho que elas queiram me dizer nada, seria muita pretensão e egocentrismo. Acho que, na verdade, eu que queria lhes dizer algo, ou apenas cumprimentá-las, reconhecê-las e, também me reconhecer vivo com aquele encontro em um lugar qualquer. Não precisava de mais nada, era aquilo. Eu disse sim (Sales, 2023).

O projeto de reintrodução teve início muito tempo antes da primeira soltura. Os bugios talvez ainda não soubessem, mas há alguns anos começamos a vê-los com um outro olhar: um olhar de esperança. Aqueles recintos finalmente ficariam vazios. Deixariam de ser o único mundo que eles podiam acessar. Eles não sabiam quando seria, mas seus dias de cativeiro estavam contados. Eu adoraria que eles pudessem entender quando eu lhes dizia muito entusiasmada que, em algum momento, eles estariam escalando qualquer galho que quisessem – não sei se não entendiam; às vezes, parecia que seus olhos respondiam que cada um deles estava só esperando por esse momento.

Para que as solturas pudessem acontecer, não apenas as pessoas envolvidas no projeto precisaram trabalhar incansavelmente por anos, mas também os próprios bugios deveriam fazer sua parte. Precisavam mostrar que sabiam o que fazer. Que estariam seguros sozinhos. Que tinham condições físicas para viver na mata. Condições sanitárias para sobreviver sem amparo veterinário constante e para não comprometer a saúde de outros organismos. Condições comportamentais para desenvolver suas atividades básicas de sobrevivência, como buscar alimento, buscar abrigo, cuidar dos filhotes e defender a si e a seus companheiros de ameaças. Muitos deles estiveram em cativeiro por muitos anos; alguns outros até mesmo nasceram em cativeiro, nunca haviam conhecido o mundo exterior. Mas, mesmo assim, confiamos que sabiam o que fazer.

Tive a honra de conhecer profundamente quase todos os bugios que atenderam a todos os requisitos para a soltura (e também alguns outros que já não tinham mais condições de voltar à natureza por não os atenderem). Afinal, passei alguns anos trabalhando diariamente com eles, vendo-os todos os dias, ainda durante o período em cativeiro. Eu os conhecia pelo rosto, enquanto eles provavelmente me reconheciam apenas por minha voz e meus olhos, já que durante nosso contato cotidiano, nós, primatas humanos, usávamos máscara para proteção

mútua. Mas acredito que sim, me reconheciam, como reconheciam às outras pessoas com quem conviviam também. Alguns não gostavam de algumas pessoas específicas sem que pudéssemos entender o porquê – e tudo bem, às vezes também gostamos ou desgostamos de outras pessoas sem nem entender ou conhecer o motivo.

Tive durante anos uma relação repleta de farpas com uma bugio fêmea – que era bem conhecida por todas as pessoas com quem eu trabalhava por ser uma macaca atentada. Ela, inclusive, já havia sido expulsa de mais de um grupo de bugios por seus companheiros que talvez não tenham suportado conviver com aquela pentelha. Eu sempre precisava respirar muito fundo antes de iniciar o manejo dela, pois sabia que ela não me deixaria fazer meu trabalho em paz. Éramos separadas pelas grades do recinto e do cambiamento⁸, quando nós humanos precisávamos entrar, mas mesmo assim, ela sempre conseguia puxar meus cabelos com suas mãozinhas rápidas – ela só esperava um segundo de distração minha. Entrávamos em longas discussões. Eu a perguntava, indignada, o que tinha feito para ela. Perguntava se ela gostaria se eu puxasse seus cabelos ruivos. Ela me olhava como quem debochasse de mim. Eu dizia a ela e a minhas companheiras humanas que, quando ela fosse solta, nunca mais teria coragem de entrar na mata – obviamente era mentira. Hoje, uma das coisas que mais quero fazer é reencontrá-la. Talvez agora possamos nos reconciliar.

Com aqueles que pareciam não se incomodar com minha presença, eu gostava de conversar. Não com palavras, mas com contato visual. O encontro de nossos olhares me fazia sentir proximidade. Familiaridade. Mas, ao mesmo tempo, me despertava respeito, admiração. Algo quase próximo da subordinação, talvez. Pois seus olhares são potentes, parece que penetram nossa mente e nossa alma. Hipnotiza. E lembro de lhes dizer sempre, com os olhos, que esperassem só mais um pouquinho, porque em breve conquistariam um novo mundo.

Ainda durante o processo de reabilitação, no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Santa Catarina (CETAS-SC), os bugios foram vacinados contra a febre amarela, doença

⁸ Refere-se a um “local de confinamento, para facilitar diversos tipos de manejo e a retirada do animal do recinto” (IBAMA, 2015) em diferentes situações, como limpeza de seus recintos, confecção de enriquecimento ambiental, alimentação etc.

capaz de dizimar populações inteiras da espécie em diversas outras regiões. Assim, esses novos moradores de Florianópolis estão seguros, caso o vírus chegue na ilha. Após as avaliações veterinárias, comportamentais, imunização bem-sucedida e adaptações na dieta do cativeiro para a realização de uma transição alimentar para uma dieta mais parecida com a que encontrariam na mata, os bugios estavam prontos para o último passo do processo de reabilitação, um que ainda não conheciam: a ambientação. Suas respostas nessa etapa determinariam seu futuro. Muita ansiedade e muita expectativa surgiram. Tínhamos que dar nosso melhor para que eles também pudessem dar o seu melhor.

Cada grupo – ou melhor, cada família, como chamamos – foi transportado para recintos escondidos dentro da mata nas áreas de soltura previamente escolhidas. Uma família de cada vez, respeitando as dinâmicas sociais que os próprios bugios já haviam criado entre si. Nesse local, eles passariam a rever (ou ver pela primeira vez, no caso dos filhotes nascidos durante a reabilitação) a mata. Sentir o cheiro da mata e de seus outros habitantes. Sentir as mudanças de temperatura e de clima. Ouvir e ver os outros animais que já habitavam aquele lugar. Experimentar folhas nativas que os humanos da equipe levavam ou as que conseguiam puxar através das grades do recinto, quando a curiosidade era muito forte. E precisavam se adaptar a tudo isso. Precisavam mostrar que estavam prontos para enfrentar todas essas mudanças tão drásticas, após tantos anos. É impossível não ter preocupação, não ter medo de que algo ruim lhes possa acontecer do lado de fora, sem que tenhamos controle da situação. Mas eles estavam prontos. Eles nos mostraram que não precisávamos ter medo. Eles não tinham medo – ou não demonstravam. Eles sempre foram livres.

Durante a ambientação, nós os visitávamos todos os dias, sem exceção, para alimentá-los e observar seus comportamentos diante das tantas mudanças que vinham enfrentando. Íamos de barco ou por longas trilhas, quando as condições climáticas não permitiam a navegação. Mantínhamos também armadilhas fotográficas ao redor do recinto para monitorar as atividades dos bugios em nossa ausência. Anotávamos todos os dias todas as observações que fazíamos sobre eles. Quando comiam, o que escolhiam comer, quando brigavam, quando copulavam, quando catavam uns aos outros, onde dormiam, quais galhos escolhiam para repousar, tudo o que faziam. Treinamos nossos olhos para perceber detalhes que eles não poderiam nos falar.

Considero importante também ressaltar que o trabalho de reintrodução de espécies é de extrema importância não apenas do ponto de vista ecológico, para reestabelecer dinâmicas fundamentais para os ecossistemas através da inserção de populações de uma espécie que já foi extinta, mas também, o que para mim é ainda mais bonito, no que diz respeito a cada um dos indivíduos reintroduzidos. Não é simplesmente a reintrodução de espécies, mas de **vidas**. Cada

uma do seu jeito. Os bugios foram reintroduzidos não porque têm a responsabilidade e o dever de cumprir suas funções ecológicas – o farão também, e que ótimo! –, mas porque cada um desses bugios merece seguir sua própria vida da forma que achar melhor. Cada um merece criar seu próprio mundo ao redor, seu “*umwelt*”⁹ como nomeia o biólogo alemão Jakob von Uexküll (Waal, 2021). É uma questão ética, acima de tudo. É sobre ter amor e respeito aos modos de ser.

As solturas foram acontecendo, intercaladas com o processo de ambientação das novas famílias e com as atividades de monitoramento das famílias já soltas, além das atividades de educação ambiental acontecendo em diversas partes da cidade. Muito trabalho. Definitivamente, muito trabalho para uma equipe tão pequena. Éramos apenas cinco mulheres, além de alguns voluntários que nos ajudavam em alguns momentos. Mas estaria mentindo se dissesse que não valeu a pena. Tive o privilégio de acompanhar todas essas etapas e é com base nas incríveis experiências que tive ao desempenhar as atividades em contato com os bugios que desenvolvi esse trabalho de conclusão de curso.

Meu objetivo a partir dessa pesquisa é de explorar os olhares multiespécies que fui aprendendo a desenvolver através das reflexões que foram despertadas pela convivência com os bugios ao longo de mais de quatro anos de contato com esses nossos parentes – não tão próximos, do ponto de vista filogenético, em relação a outros primatas, mas ainda muito próximos em relação a outros tantos seres. Ou seja, através da observação de comportamentos e das relações criadas entre os bugios e outras espécies a partir de suas solturas, como incorporar seus olhares aos nossos diante dos outros modos de ser? Como aproveitar esse olhar para nos revermos, como humanos, como uma das linhas que formam as malhas da vida?

Ao observá-los diariamente e ao pensar sobre eles, o que é algo que tenho feito quase o tempo inteiro desde que os conheci – e que se tornou ainda mais intenso após o início da minha participação direta no projeto de reintrodução –, passei a pensar mais sobre a relação humana com outras espécies. Através de nossas semelhanças e diferenças, notei que fui tomada por um fascínio pelos atravessamentos de outras formas de vida por nossa existência – e também pelos atravessamentos e encontros entre outras espécies, independentemente de nossa presença. Afinal, o retorno do bugio para a Ilha de Santa Catarina não impacta somente a vida

⁹ É o “mundo ao redor” de cada organismo vivo. É a visão do mundo através das percepções particulares de cada ser vivo.

humana, mas sim toda uma série de dinâmicas ecológicas que já vem passando por mudanças desde o momento em que o primeiro bugio saltou para fora do recinto.

Apesar de não querer seguir na docência escolar, sei que a educação é uma das mais importantes ferramentas em trabalhos de conservação da biodiversidade e de reintrodução de espécies. É a parte que não depende somente da equipe ou dos animais reabilitados envolvidos, mas de toda a comunidade humana que compartilha também desse espaço.

A meu ver, os estudos multiespecíficos têm um enorme potencial para servir como base de uma educação ambiental diferente do que estamos acostumados – mais germinativa, pois possibilitará o crescimento de fortes galhos. Poderíamos chamá-la, quem sabe, de “educação multiespecífica”. Como provoca Shaula Sampaio, talvez seja uma boa ideia “desnaturalizar, desconstruir, deslocar, desmanchar” (Sampaio, 2019, p. 22) o que nos é familiar na dita educação ambiental, que conta com tantas frases prontas que são tão repetidas que acabam perdendo um pouco do sentido ou da força que poderiam conter. A meu ver, a educação ambiental que individualiza as responsabilidades e somente cria regras sobre “proteger o meio ambiente”, com justificativas rasas e que não se esforçam para conectar a existência humana e sua dependência da Terra, servem mais para culpabilizar as pessoas e para controlar através da moralidade, do que para educar. Não afeta. Não afeta pois não traz afeto. É regra, razão. É feita de verdades e certezas irrefutáveis. É como um discurso ensaiado e repetido o tempo inteiro.

O que podemos fazer é aproveitar as brechas surgidas nas ruínas desse tipo de educação para cultivar a educação multiespecífica. Que não traz somente certezas, mas que, principalmente, instale dúvidas. Que não se ocupe apenas em responder, mas que crie um espaço confortável para a formulação de novas perguntas. Que não seja uma educação colonizadora, na qual um lado fala e o outro escuta – que seja entrelaçado. Que não tente impor condutas ou ideais, mas que promova a criação pessoal de reflexões acerca do papel humano no contexto ambiental e as infinitas relações que são criadas ao longo de nossas vidas. Uma educação que sensibilize, que afete, que atinja o interior de cada um. Que encante. A ciência não pode estar separada do encanto – ambos devem andar juntos. Como dizem Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, “o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto” (Simas; Rufino, 2020).

Para realizar essa pesquisa, então, busquei trazer um conjunto de fragmentos. Relatos fragmentários nos quais narrei algumas das cenas que vivi ao lado dos bugios, recordações de momentos conjuntos e reflexões – talvez, até possam ser chamados de devaneios – que passei a fazer através de minhas interações e coexistência com esses animais. No entanto, minha ideia era de ampliar o olhar multiespécies para outras relações além da humano-bugio, trazendo outras espécies também como protagonistas através do olhar atento que essas relações me possibilitaram criar.

Escolhi utilizar fragmentos porque o fragmento “acolhe as insuficiências do texto. Aceita que o texto não chegará nunca a estar completo, fechado, suficiente, perfeito” (Costa, 2018, p. 14). Essa pesquisa não teve uma data exata de início, assim como jamais terá um fim. Se tratando de algo tão pessoal como as experiências que vivi e sigo vivendo e as influências dessas histórias em minha existência, seu término se dará apenas quando já não houver mais vida circulando por aqui.

Deixo já muito claro que não quis escrever de forma neutra e imparcial como a relação de muitos autores com seus objetos de estudo. Primeiro que, os bugios não são meu objeto e não me sentiria confortável em tratá-los dessa forma. Quero vê-los como companheiros. E outra que, para mim parece impossível neutralizar minha escrita se esta vem de lugares tão sensíveis emocionalmente e pessoalmente. Meu desejo era que este trabalho cultivasse o “amor multiespecífico” (Tsing, 2019).

Segundo Anna Tsing, na obra “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno”, de 2019:

Há novos estudos científicos em andamento, e sua principal característica é o amor multiespecífico. Diferentemente das formas anteriores de estudos científicos, sua razão de ser não é, principalmente, a crítica da ciência, embora também possa ser crítica. Em vez disso, algo novo é permitido: a imersão apaixonada nas vidas dos não humanos que estão sendo estudados. Antes, tal imersão era permitida apenas a pesquisadores das ciências naturais e principalmente sob a condição de que o amor não aparecesse. A intervenção crítica desses novos estudos científicos é que eles permitem que a aprendizagem na ciência natural e todas as ferramentas das artes transmitam uma conexão apaixonada.

Em comum com a escrita da natureza, seu trabalho é a comunicação e a mobilização do público. Eles também assumem a tarefa de fazer perguntas difíceis, filosóficas, sociais e científicas, e, com o privilégio da sabedoria, persistir sobre cada uma delas. Escritores desse novo gênero, incluindo eu mesma, estão empolgados com a chance de ultrapassar as fronteiras entre as ciências naturais e as humanidades. Mas só teremos sucesso com esse gênero na medida em que possamos abrir novos espaços na imaginação do público, espaços pouco percorridos pela paixão ou pela atenção (Tsing, 2019, p. 60).

É esse formato de estudo que espero ter conseguido apresentar nesta pesquisa. Quis demonstrar, através de minhas palavras, minha imersão apaixonada na vida dos não humanos que coabitam conosco. *Quero poder expressar o quanto meu corpo e minha mente estão*

afogados pelo encantamento que transborda ao perceber as relações entre vidas que nos cercam a todo instante. E quero que todo esse oceano de sentimentos ao menos possa respingar em outras pessoas, refrescando suas percepções desse mundo que compartilhamos com tantos outros.

Ainda, claramente foi impossível deixar que o amor não aparecesse nessa pesquisa. Sei que, em geral, a academia e o método científico exigem uma racionalidade e uma suposta neutralidade ao se construir uma pesquisa – racionalidade que, inclusive, muitos acreditam ser uma característica importante e até exclusiva da espécie humana. No entanto, tudo o que aconteceu em minha vida até aqui para que esta pesquisa fosse possível, só aconteceu por conta do amor. Então, seria até desonesto caso eu tivesse a capacidade de deixá-lo escondido. Eu só pude escrever esse trabalho porque há amor. E muito.

Para conversar com minhas cenas fragmentárias, aproveitei ideias e textos de alguns autores que vieram e ainda vêm iluminando meus pensamentos, como a luz do sol que penetra nas folhas e se transforma em energia para as plantas. Sou uma árvore recebendo luz de Ailton Krenak, Nastassja Martin, Anna Tsing, Antônio Bispo dos Santos, Vinciane Despret, Frans de Waal, Donna Haraway, entre muitos outros nomes que me ajudaram a nutrir minhas ideias acerca do mundo num contexto multiespecífico.

A obra “Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno” de Anna Tsing (Tsing, 2019), traz a visão de uma antropóloga dedicada a descrever paisagens e sistemas ecológicos a partir do ponto de vista multiespecífico, e não antropocêntrico, trazendo fortes inspirações para a construção de trabalhos científicos que abordem os seres não humanos numa perspectiva não de objetos de pesquisa, mas de protagonistas de suas existências. Tsing também explora termos importantes como as “assembleias” – que são os conjuntos dos diferentes “modos de ser” dos organismos – além do conceito de “amor multiespecífico”, um ponto essencial para meu trabalho.

Ailton Krenak em suas obras “Ideias para adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019), “Futuro ancestral” (Krenak, 2022) e “O amanhã não está à venda” (Krenak, 2020b) apresenta de forma muito direta e profunda (talvez até vista como radical e dura) reflexões sobre as relações humanas com a Terra, considerando contextos sociais e políticos que acabam rondando nossas formas atuais de viver socialmente e nossas relações ecológicas. Krenak também questiona o conceito de humanidade que, segundo ele, se estende somente a uma parcela específica da população humana – o restante seria uma tal “sub-humanidade” (povos periféricos, comunidades originárias, quilombolas, entre outros grupos de pessoas que não são tão vistos e nem ouvidos).

Nastassja Martin em “Escute as feras” (Martin, 2021) escreve de forma sensível e fascinada sobre sua metamorfose pessoal, sobre a revolução que lhe aconteceu após ser marcada intensamente (e literalmente) por seu encontro quase fatal com um urso – me fazendo pensar muito sobre todas as marcas que carrego comigo graças a meus encontros com os bugios. Aqui, devo dizer que fiquei um pouco incomodada com a forma um pouco egocêntrica com a qual Nastassja escreveu sua história. Claro que, se sua intenção era de narrar suas próprias metamorfoses a partir de seu encontro com o urso, seria difícil não falar principalmente de si – até porque que direito teríamos de falar pelos outros se não vivemos em suas mentes? Por isso, na minha vez de escrever, preferi explorar minhas metamorfoses e contaminações para falar, não por outros, mas de outros, com outros.

Em “A terra dá, a terra quer” (Santos, 2023), Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo, provoca as heranças colonialistas que moldaram comportamentos “cosmofóbicos¹⁰” que prejudicam nossos modos de viver, nossas relações com a terra e com os outros seres vivos aqui. Bispo fala das histórias construídas por outros vivos e como sua comunidade aprendeu a interpretar essas histórias e construí-las em conjunto para uma convivência multiespecífica. Também traz o termo “compartilhantes”, bastante apropriado por mim em meus fragmentos, para se referir aos seres que convivem, coabitam e coexistem conosco.

Outros autores e obras além das citadas também cruzaram meu caminho e foram muito importantes para a construção deste trabalho. A seguir, no próximo capítulo, trarei as cenas narradas em formas de fragmentos como resultado de minhas pesquisas.

¹⁰ Aversão ou desconexão com os sistemas conectados da vida e do universo.

3 ESPOROS (OU CADERNO DE FRAGMENTOS)

Meu pai diz para todo mundo que estou virando “uma bugia” – diz isso com orgulho, dá para notar. Às vezes, fala com um grande sorriso no rosto e me dando tapinhas nas costas. E acho que ele está certo, afinal. Eu já vinha percebendo, mas não sabia que essa metamorfose em forma de contaminação mental era visível para outras pessoas. Mas fico feliz em saber que é.

Às vezes, quando presto atenção em alguns de meus comportamentos, vejo um bugio. Certamente que, por sermos ambos primatas, muitos de nossos comportamentos e hábitos serão muito parecidos, mas é especial quando prestamos atenção nessas convergências. Quando vi um bugio se coçando pela primeira vez, sorri ao vê-lo esticando sua perna e coçando sua canela com muito vigor. Suas mãos, principalmente as unhas são muito parecidas com as nossas. Após um tempo, ao esticar e coçar minha própria perna, me lembrei dele – era exatamente o mesmo movimento. E sorri novamente. Um outro dia, conversando com uma colega de trabalho, coçava minha barriga enquanto falava. Ela logo disse: “Tá parecendo um bugio!”. Sorri outra vez. Gosto dessa comparação pois os admiro. Quando estou deitada antes de dormir, com um braço ou perna pendurados para fora da cama, sorrio, pois penso neles deitados nos galhos, relaxando sob a luz do sol. Quando chamo algum dos cães que vivem aqui em casa para retirar pedaços de galhos, palha e folhas que ficaram emaranhados em seus pelos, sorrio – pois lembro dos bugios fazendo catação uns nos outros, como forma de demonstrar carinho e cuidado – exatamente como fazemos.

Assim como Nastassja Martin que foi marcada pelo urso que “beijou” seu rosto, já fui marcada pelos bugios há muito tempo. Após seu encontro com ele, as pessoas da comunidade originária que acolheu Nastassja e durante sua pesquisa – os Even – lhe disseram que ela se tornara uma “*Miedka*”, que significa “aquela que vive entre os mundos” – o mundo dos ursos e o mundo dos humanos. Talvez, de alguma forma eu me sinta um pouco assim, como um dos elos de ligação entre o mundo dos humanos e o mundo dos bugios.

Quando fico muito tempo em silêncio, ouço a vocalização deles ecoando em minha cabeça.

Ouço suas vozes. Aquele grito forte ecoa em minha cabeça. O som da vocalização do bugio parece que vem de dentro de suas almas, e assim também ela nos alcança – no fundo. Preenche. Desnorteia. Intimida e fascina. E hipnotiza, paralisando quem está por perto. Ouvir a vocalização deles é como entrar num transe, e são eles quem determinam quando termina. E termina assim, do nada. De uma hora para a outra, parece que o transe acaba e podemos nos movimentar novamente.

Às vezes, sinto seu cheiro em meu corpo também – como se estivesse impregnado em mim. Acho que fui totalmente marcada por eles. Assim como se esfregam nos troncos, deixando seu cheiro e sua pigmentação alaranjada para marcar território, o fizeram comigo – obviamente que não literalmente, mas talvez de uma forma até mais intensa. “Ele quis marcar você”, disseram a Nastassja após seu encontro com o urso (Martin, 2021). Eles – os bugios – não sei se intencionalmente ou não, também me marcaram profundamente.

Eram raros os momentos de toque físico entre nós e eles, em especial durante a fase de ambientação. Mas, às vezes, conseguiam colocar suas mãos para fora das grades, geralmente para tentar alcançar as folhas de caeté que levávamos para alimentá-los e que tinham se tornado uma de suas comidas favoritas. Nesses momentos, nossas peles se tocavam. E suas mãos suadas com o suor avermelhado manchavam nossas mãos.

Meu quarto já esteve com cheiro de bugios. Percebi ao sair do banho. A casa inteira cheirava a sabonete e me surpreendi ao abrir a porta do quarto. O cheiro de bugio veio com tudo, como uma onda que estava sendo contida apenas pela porta. Veio diretamente me atingir, conquistando tudo. Aí notei que minha família não estava brincando quando diziam que eu voltava para casa com cheiro de macaco. Ainda mais cedo, percebi que até meu suor tinha o mesmo cheiro, fortíssimo. Praticamente igual, de verdade. Completamente contaminada. Ainda bem.

Algo que também fez com que me identificasse na obra de Nastassja foi a descrição de como se sentia ao entrar na floresta: “Tenho a impressão de respirar, grito de alegria em meio ao vento. Isso dura alguns dias, o sorriso nos lábios, a leveza, o corpo que se apura, os sentidos que se aguçam à medida que subimos” (Martin, 2021, p. 40).

Quando estou na floresta, me sinto mais apurada. Mais atenta. Mais sensível. É uma forma de concentração que dificilmente consigo manter em outras situações, em outros locais. Parece que me torno um ser realmente pertencente de lá. Uma presa e um predador ao mesmo tempo. Não sabemos o que podemos encontrar – mas queremos encontrar tudo o que for possível. Aos poucos, comecei a notar que aprendi a identificar alguns cheiros da mata. Cheiro de cachorro-do-mato. Cheiro de lontra. Cheiro de mão-pelada. Aprendi a reconhecer quem vive e quem circula por aquele espaço apenas pelos rastros invisíveis que são deixados pelo caminho. Subimos as trilhas atentas e buscando principalmente um cheiro específico – aquele que mais ansiamos em voltar a sentir –, o cheiro do bugio. Andamos pela floresta fechada, com cipós se agarrando em nossas pernas e espinhos arranhando nossos rostos, em estado de alerta, como cães de caça, atentas a qualquer barulho de galhos se quebrando, qualquer reflexo ruivo sob a luz do sol, qualquer vestígio de que estejam por perto. E atentas principalmente ao cheiro que sabemos que é deles. Um cheiro forte, difícil de descrever, mas que fascina, que engloba e inunda nossos sentidos.

Pilotando o barco. Barco cheio, pesado. Muito vento. O motor lutava para trabalhar e conseguiu, mas com muito menos potência do que eu estava acostumada. Estou tensa, apreensiva. Nunca tinha sido tão difícil, mesmo quando a neblina, em outra ocasião de campo, junto com a chuva disparando pingos fortes contra meus olhos não me deixavam ver nada adiante do barco. Dessa vez foi difícil, mas não tanto. Tive que me esforçar, tanto quanto o motor. Parecia que o barco viraria a qualquer momento. Eu e mais três pessoas queridas dependendo de minha desenvoltura como pilota (habilitada há poucos meses). Medo. Mas tentei não demonstrar. Manter a calma. Não apavorar os passageiros, pensei, como fariam bons pilotos. Afinal, mesmo com dificuldades, tudo ainda estava sob controle. De repente, algumas fragatas começam a sobrevoar nossas cabeças, a cerca de menos de dois metros de distância – e juro que, aos meus olhos, parecia muito mais perto; parecia que estávamos cara a cara. Elas são divinamente lindas. Vejo o rosto de uma que se coloca mais próxima da popa do barco, onde estou – molhada, com frio e com os músculos completamente enrijecidos pela tensão de completar a viagem com sucesso. Vejo a imponência de seu corpo e de suas asas. Vejo seu olhar, focado no horizonte que deseja alcançar. Isso traz paz. Acalma. Satisfaz. É um presente poder vê-las tão de perto pela primeira vez (para mim). Me tira o foco da apreensão que sentia ao pilotar aquele barco. Já estávamos quase lá, faltava só mais um pouco. Elas me encorajaram a seguir em frente. Não sei dizer se ela olhou em meus olhos, a chuva não me deixava enxergar direito. Mas me pergunto, será que elas também sentiram medo? Será que conseguiram chegar onde queriam?

Um Garapuvu seco, mas ainda em pé. "Entre o Garapuvu seco e o Garapuvu verde, é lá que a gente tem que atracar" foi o que aprendi. Era lá que descíamos do barco para ver os bugios. E por alguma razão era sempre o Garapuvu seco que me guiava ao pilotar. Talvez por se destacar mais diante dos grandes morros completamente verdes. Era sempre nela, aquela árvore aparentemente moribunda que eu focava para me orientar, mesmo que eu não saiba dizer com certeza se estava morrendo, ou já morta, ou não. E de certa forma é bonito pensar que mesmo ao fim de sua existência, um ser continua importando com sua presença. Aquela árvore, mesmo que seca, além de ser um incrível ponto de referência, continua sendo lar de tanta gente. Seres que usam seus galhos como apoio, seres que vivem escondidos em pequenos buracos feitos em seu tronco, seres que se encarregam de decompor suas partes que já morreram. E quando ela finalmente morrer, assim como qualquer ser, continuará sendo vida. Os nutrientes que formam seu corpo voltarão ao solo e poderão fazer parte de outras existências. Eternamente.

Lembro deles, assim que chegaram à ambientação, olhando muito atentamente para as águas da Lagoa da Conceição. Ficavam sentados admirando-a por longos minutos. Foi a primeira vez que viram aquela lagoa e, no caso desses três bugios, fazia pelo menos cinco anos que não viam nenhum corpo d'água. Fico imaginando o que sentiram ao ver o brilho daquela água refletindo sob o sol, a luz do espelho de água entrando na floresta através das folhas verdes. Alguns peixes saltam para fora da água, refletindo o sol em suas escamas, como pequenas joias prateadas emergindo da lagoa – será que se surpreenderam? Será que já tinham visto esse outro tipo de corpo?

Eles, durante esses minutos, pareciam não se importar com mais nada. Os três, sentados lado a lado, quase hipnotizados por Conceição, se mostravam até meio indiferentes à nossa presença. E nós sorríamos em êxtase, admirando sua admiração, todas em silêncio, mas um silêncio que parecia um tornado de emoções. Encantadas, tanto quanto eles. Em algumas semanas, eles poderiam observar a lagoa de qualquer ângulo que quisessem, de qualquer galho que escolhessem como apoio – não seria mais apenas um pedaço de imagem recortado pelas grades e contornado pelas folhas da mata. Eles poderiam vê-la inteira, lá do alto. Sem nenhum obstáculo para seus olhos.

Antes eu via com menos atenção quem estava ao meu redor.

Depois, mais atenta, os via com um olhar de cuidado exagerado, quase uma superproteção materna. Como se fossem fracos, vulneráveis e dependessem de nossos cuidados e de nossa preocupação o tempo inteiro. Hoje fico contente em poder dizer que os vejo como **compartilhantes**. Com suas forças e potências. Não precisamos tratá-los ou vê-los como dependentes de cuidados humanos para sobreviver; basta apenas que não dificultemos suas existências. O resto eles sabem muito bem como fazer.

Quando ele grita, é como se o tempo parasse. Como se tudo o que está ao redor se transformasse em seu som. Tudo fica distorcido, é praticamente impossível desviar a atenção do canto rouco que parece vir das camadas mais profundas do ruído e que atinge o mais profundo de quem o ouve. Congela. Mas congela de uma forma quente, como a cor de seus pelos se destacando como um segundo sol em meio às folhas verdes. O som preenche cada célula do corpo, de fora para dentro.

Como pode a vida não encantar? Não é lindo pensar que duas células se fundiram e formaram a cada um de nós? E que, das infinitas combinações possíveis, cada ser surgiu exatamente da forma que é? Eu sou exatamente do jeito que sou como resultado de uma das infinitas combinações reprodutivas – e, se fosse qualquer outra, não seria eu.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial [...] A vida que a gente banalizou, que as pessoas nem sabem o que é e pensam que é só uma palavra [...] Vida é transcendência, está para além do dicionário, não tem uma definição (Krenak, 2020a)

A vida não é só uma palavra. Muitas vezes, “vida” é reduzida ao modo de viver de nós, humanos da classe trabalhadora. Viver seria acordar todos os dias, trabalhar, “ser útil” e, se der sorte, desfrutar de alguns poucos momentos de lazer, o que se tornou privilégio. É muitas vezes menos do que sobreviver. E vida é outra coisa. É movimento. É som, cor. Ou silêncio. Em tudo há vida, seja ela visível a nossos olhos ou não. Viver é mais do que fazer. Viver é sentir.

A troca de olhares é muito diferente quando não há mais grades entre nós. Não há mais nada que os impeça de fazer qualquer coisa que queiram. Não há mais controle algum do que possa acontecer. Muitas vezes, a falta de controle em uma situação nos assusta, nos dá medo. Mas ali, era diferente. Tivemos o privilégio de ver, em seus olhares, seu poder retornando aos seus corpos. Finalmente, seus corpos e suas mentes poderiam depender somente de suas vontades. E eles souberam disso, desde o início.

Em alguns minutos depois das portas abertas, eles já escolheram o que seria seu primeiro território. E deixaram muito claro. O macho, muito protetor de sua família (composta também por duas fêmeas e um filhote), demonstrou rapidamente que ele sempre soube o que fazer quando chegasse a hora de defender seu grupo. Após alguns minutos observando aqueles bugios explorando a mata pela primeira vez, eles deram os sinais de que aquela área agora pertence a eles – e não queriam ninguém empacando novamente seu caminho e atrapalhando sua liberdade.

Percebemos o olhar dele. Fixo. Dentro de nossos olhos. Dizendo “Saiam agora, nós queremos passar”. Atrás do macho, as duas fêmeas também nos encaravam. Foi uma das mais lindas trocas de olhares que já pude vivenciar com outro animal. Durante alguns segundos, retribuímos o olhar até termos certeza do que eles queriam dizer. O macho se moveu, dando um pequeno passo para a frente, os pelos levemente arrepiados, mais cheios do que o normal. Imediatamente entendemos que era hora de sair e obedecer a sua ordem.

Levantamo-nos sutilmente, mas rapidamente, pegamos nossos equipamentos de proteção e saímos, andando de costas pela mata, tropeçando nas pedras e galhos que não podíamos ver, com os olhos sempre fixos neles. Eles pareciam satisfeitos com nossa reação. E cruzaram para o outro lado da mata.

Entenderam que seu olhar é forte. Que a potência que tinham recuperado agora era grande. Que não precisam ter medo, pois sabem viver. Entenderam que aquela área de mata agora pertence mais a eles do que a nós, humanos. Porque agora é sua casa.

Desde que comecei a trabalhar com animais silvestres (independentemente de estarem em cativeiro ou em vida livre), fui desenvolvendo minha habilidade de observação. Afinal, é preciso observar diariamente o comportamento desses seres para entender melhor o que querem nos dizer, já que não falamos a mesma língua. No trabalho com os bugios, a habilidade de observação parece ter se aprimorado ainda mais, pois precisávamos ter certeza de que eles saberiam viver em vida livre.

O desenvolvimento da observação ao longo dos anos me ajudou muito a prestar mais atenção à vida ao meu redor. Para que limitar meu encantamento e minha curiosidade apenas aos seres com os quais eu trabalhava? Se a vida está em todos os lugares, em todos os momentos na nossa frente?

Me dei conta que, mesmo vivendo desde que nasci no mesmo quintal, não reparava muito nos compartilhantes. Há algumas semanas, fiquei muito entusiasmada ao ver um daqueles líquens vermelhos no tronco de um ipê de casa. Aqueles líquens que são bioindicadores da qualidade do ar, que mostram que o ar na região é bom. Fiquei muito feliz e muito orgulhosa por compartilhar com essas vidas um ambiente bom para todos. E me choquei quando meu pai me garantiu que esse líquen sempre esteve ali, e que o ipê não é a única árvore que o hospeda. A partir daí, passei a perceber que várias das árvores do quintal também tinham o líquen vermelho. Fiquei ainda mais feliz, é claro, mas desapontada por nunca ter prestado atenção. Me pergunto se os líquens já tinham reparado em mim. Se me viram crescer enquanto eles também cresciam se espalhando pelos troncos. Se me veem como família, como eu talvez os veja.

Olho para os mosquitos voando em torno da luz do poste e penso que cada um daqueles pequenos seres é protagonista de sua própria história. A mariposa que se mistura ao bando também hipnotizada pela luz também é protagonista de sua vida. A garça-moura que voa imponente e elegante por cima das águas do mar é dona de suas escolhas, personagem principal de sua história. Cada um inicia o dia (ou a noite, dependendo do hábito de cada um) pronto para viver sua própria vida. Buscar seus próprios recursos. Para si, para seus filhotes, para seu grupo, enfim. Para quem lhe interessa.

Não gosto de estar limitada a paredes. Gosto do ar livre. Sentir o vento. Ouvir os bichos. Me sentir viva.

Quando não estou tendo um bom dia, saio. Para o quintal, para a praia, para a horta lá de casa, para qualquer lugar vivo. Olho ao redor e vejo um aracuã chamando seus companheiros. São cinco da tarde, talvez seja hora de começar a se recolher. Ouço outras aves também começando a vocalizar, também anunciando que é hora de voltar aos dormitórios e descansar até que o próximo dia chegue. O aracuã segue vocalizando com um cacarejar leve, continua chamando. A vida chama sempre. A vida é chama. É quente e vermelha como os pelos dos bugios sob o sol, enquanto observavam a lagoa do alto das árvores.

A vida urgia e me contaminava. Era tão lindo... O dia está lindo, naquele momento mais ainda: céu azul, vento fresco, clima agradável e, naquele terreno, flores... muitas flores (Sales, 2023).

Reconhecer a beleza e a importância das formas de vida com as quais coexistimos é se reconhecer como vivo. É compartilhar vida. É brilho. Sentir o perfume das flores, ver o brilho verde das folhas refletindo a luz do sol que as alimenta, o som dos pássaros cantando e conversando entre si.

Todos os dias olho para a pitangueira que cresce próxima à minha janela, está cada vez mais linda. Eu a admiro com um carinho quase maternal, pois talvez eu tenha a ajudado a nascer, cuspidando sementes de pitanga pela janela enquanto observava os compartilhantes do quintal e tentava desintoxicar a mente das atividades de todos os dias. Quando me dei conta, algum tempo depois, ao olhar para baixo num episódio igual ao anterior, vi a pequena pitangueira começando sua vida. Em forma de um pequeno broto, ainda frágil, flexível e com poucas folhas. Um bebê. Sem saber, concretizei o desejo da pitangueira-mãe em continuar seu legado na Terra. Sinto que foi uma troca de favores, pois, antes de cuspir as sementes, a pitangueira concretizou meu desejo de comer seus frutos. E agora, admiro e cuido de sua filha (ou nossa?), já muito mais crescida e forte, e que em algum momento também contribuirá para os desejos dos humanos e não-humanos que habitam essa casa, esse quintal. Ela ainda não tem idade para florescer, mas não tenho pressa. Ela não me deve nada. Se, por acaso, ela nunca florescer e nunca der frutos, continuará recebendo meu carinho pela janela. Se ela crescer demais, deixarei de receber a luz do sol em meu quarto... Mas estou disposta. Quando sentir falta do sol, posso sair em busca dele. Terei a honra de ter um quadro de folhas emoldurado pela janela. Ela já é e continuará sendo uma guardiã, assim como fui e sigo sendo a dela. Durmo tranquila sabendo que ela está ali – e torço para que assim ela se sinta também, em relação a mim.

Quando sopramos um dente-de-leão, são os nossos desejos que são realizados?

Silêncio. Ouça os galhos balançando. Alguns até se quebram e despenham no chão com o peso desajeitado de quem está redescobrimo o mundo. Será que esse galho aguenta a força de um salto? Muitas vezes não, escolheram o galho errado. "Esse outro parece melhor", eles devem pensar enquanto parecem fazer cálculos para não errar de novo. Olham, pensam, calculam a distância, o peso de seus corpos com a força do salto e outras grandezas físicas que a primata humana que aqui escreve nem entende direito quais são.

A mata fica num silêncio quase absoluto. Se pode ouvir apenas a água correndo sobre as pedras do rio e as asas das borboletas batendo enquanto voam em seus caminhos aéreos sinuosos. Gosto das borboletas porque elas parecem voar distraídas – vão ali, pousam aqui, vão ali mais um pouco, esquerda e direita, baixo e cima, pousam, as vezes dão estalinhos.

Os outros habitantes parecem estar todos calados. Imóveis, assistindo a desenvoltura dos novos moradores ruivos. Devem estar impressionados com esse grande corpo avermelhado escalando e saltando pelas árvores com tanta habilidade (mesmo ainda errando bastante). Todos querem assistir. Um misto de fascínio e cautela. Ninguém quer atrapalhar e nem incomodar os grandes ruivos. Fascínio e cautela também dos bugios. Querem conhecer tudo logo, mas há que ter cuidado. Escolher os galhos certos. Mas eles só saberão quais galhos são os errados se os quebrarem. Arriscar. Com cautela, mas arriscar.

4 SIMBIOSES

Esses foram alguns fragmentos que fui construindo ao longo da pesquisa a partir de meus olhares multiespecíficos ao meu próprio *umwelt*. Gostaria de poder dizer que fui super organizada e que fui capaz de manter meu caderno físico de fragmentos até o fim; mas não foi assim que as cenas me surgiam.

A qualquer momento, em qualquer lugar, em momentos inesperados (como prestes a dormir, ou enquanto dirigia, por exemplo), as inspirações invadiam minha mente. Nem sempre eu conseguia parar o que estava fazendo para escrever na mesma hora, o que infelizmente fez com que muitos fragmentos fossem perdidos pelo caminho.

Pude perceber que na maior parte das vezes, os fragmentos nasciam a partir do silêncio. O mesmo silêncio que faz com que eu ouça o grito do bugio em todas as ocasiões. Talvez tenham sido eles que sussurravam no meu ouvido o que queriam que eu escrevesse.

A primavera na Mata Atlântica é uma grande festa da biodiversidade. As árvores se enfeitam de flores de todas as cores e formatos, perfumando tudo ao redor; os pássaros cantam e dançam uns para os outros, os frutos começam a amadurecer e compõem um grande banquete para quem quiser chegar – as mães gambás avisaram que vão se atrasar, é difícil ser pontual cuidando de tantos bebês agarrados em suas costas ao mesmo tempo. As serpentes vão perdendo a timidez e passando mais tempo fora de suas tocas – agora não é mais tão frio para elas. Os fungos também participam, explodindo seus esporos como confetes pelo ar e ainda cumprindo, em parceria com as bactérias, a função de limpar os restos deixados pelos outros convidados. A lista de convidados é extensa, não posso citar todos aqui, mas seguramente tem lugar para todo mundo que vive ali – e também para quem ainda vai chegar.

A celebração da vida na Ilha de Santa Catarina, nossa querida terra Meimbipe, neste ano, conta com alguns ilustres convidados, sumidos há muitos anos. Muitos dos moradores da floresta ainda não os conheciam por serem muito jovens. Mas a canela-preta, anciã das matas primárias do Sul da Ilha, os reconheceu. “Por onde andaram por todo esse tempo?”, perguntou aos bugios ao reencontrá-los, oferecendo o abraço de seus galhos centenários. “Estamos juntos novamente”.

Faz alguns meses que os bugios reencontraram (ou encontraram pela primeira vez) a floresta e passaram a ocupar seus lugares nessas assembleias de vidas. Chegaram sem avisar, mas ousou dizer que foram muito bem recebidos por seus novos compartilhantes.

Passamos muito tempo ao longo desses meses ser ter notícias de muitos dos bugios soltos. Procurávamos por terra, pela água e até pelo ar, com a ajuda de um drone; ouvíamos relatos e suspeitas de suas presenças, seguíamos as pistas; mas, talvez, eles estivessem ocupados demais explorando a imensidão verde que, agora, podiam reconquistar e não queriam aparecer. Suas rotinas agora são cheias, não é sempre que vão ter tempo de nos reencontrar – estão ocupados demais tecendo novas malhas.

Seu silêncio nos preocupava – eu os buscava o tempo todo, mesmo sem perceber. Nunca mais consegui passar por alguns morros da ilha sem olhar atentamente para as árvores, tentando identificar qualquer brilho alaranjado contrastando contra as folhas. Nunca mais consegui contemplar certas paisagens sem tentar ouvi-los, sem imaginar por onde e com quem deveriam estar. Foi uma série de reencontros concentrados numa mesma semana de primavera que garantiu que todo o esforço que fizemos, nós e eles, vem dando certo. Talvez eles tenham aparecido para nos dizer que está tudo bem, que podemos confiar que eles sabem o que estão fazendo.

Eu não tive a oportunidade de reencontrá-los muito de perto a ponto de poder olhá-los nos olhos. Quando os vi, foi através de sombras, silhuetas, vultos ágeis saltando por entre as folhas, galhos balançando com força – e vi as caudas, o que me assegurou de que realmente eram eles quem estavam lá. Senti, mais forte que tudo, sua imponentia preenchendo o ambiente, uma potência tão forte que quase consegue se materializar, como se pudéssemos tocá-la. A vontade é de largar tudo e seguir seus passos, não importa para onde me levassem. É como uma hipnose, um desejo irracional de sentir a força de suas presenças.

Algumas de minhas companheiras de trabalho, que vêm passando mais tempo em campo, tiveram o privilégio de revê-los com mais detalhes – e vibrei muito, mesmo de longe, ao ver os registros que fizeram a partir desses encontros.

Agora, sabemos que bugios de pelo menos três das famílias reintroduzidas não estão vivendo de forma solitária. Seguem com seus laços de afeto e confiança entre si, compartilhando suas novas experiências com quem escolheram como família. Seguiram dizendo “sim” uns aos outros.

Deram as mãos e passaram juntos por um dos maiores desafios para eles, como recém-chegados na floresta: o inverno. Passaram anos dormindo em ambientes cobertos, muitas vezes sobre mantas quentinhas que humanos preparavam em forma de rede em seus recintos; mas

souberam escolher os galhos certos para se proteger da chuva e do frio, possivelmente emboladinhos, dormindo abraçados uns aos outros para aquecer mais. Viveram por anos recebendo suas refeições cuidadosamente selecionadas e picadas, pontualmente nos mesmos horários, todos os dias; mas enfrentaram a missão de descobrir, por si só, o que poderiam ou não comer, de qual das infinitas plantas que ainda não conheciam eles passaram a gostar mais, onde encontrar os frutos certos. Lembro de um deles, no dia da primeira soltura, se deitando de barriga para cima num galho e esticando suas mãos para puxar todas as folhas que conseguia alcançar. E as provava, uma por uma, deslumbrado com as diferenças de textura e de sabor que sua boca estava experimentando. Fico imaginando cada um deles assim – provando, cuspidando, escolhendo outra, gostando, pegando das mãos dos outros, escolhendo mais uma... será que já conseguiram gabaritar todas as plantas da floresta?

Pelos registros vemos que seguem lindos, aparentemente saudáveis, bem alimentados e donos de suas ações. Do jeito que sempre mereceram estar. Mesmo aqueles que nasceram longe da floresta demonstraram que suas mães os ensinaram muito bem – talvez, elas contassem histórias para eles de quando eram mais jovens, antes de chegar à reabilitação. Talvez elas os tenham dado valiosos conselhos enquanto conversavam, ainda dentro do recinto. “E não saiam de perto de mim!” ela pode ter orientado, com aquele tom que as mães têm. E eles obedeceram, seguem juntos aprendendo na prática sobre o que ela falava antes.

Alguns outros não tiveram a oportunidade de passar muito tempo com seus pais e precisaram que humanos ocupassem esse papel. Quando conheceram a mata, eram muito pequenos, ainda agarrados aos colos de suas mães. Seríamos capazes de ensiná-los o que precisavam saber? Ou eles ainda se lembravam? Não sei a resposta, mas funcionou. As irmãs, inseparáveis desde que se conheceram, seguem protegendo uma à outra, como sempre fizeram. A mais velha liderando o caminho através dos morros revestidos de flora e sempre atenta à caçula mais espreitada. Nove meses se passaram desde que elas começaram a viver essa nova vida. E me emociona muito que tenham escolhido continuar juntas, selando ainda mais o laço que construíram quando bebês órfãos. Durante um bom tempo em cativeiro, elas foram o principal mundo uma da outra – agora, as duas tem mundos muito maiores para dividir.

A fêmea caótica, que sempre foi atentada, agora não tem mais grades para segurá-la. Agora ela é uma presença importante na região, exigindo muita cautela e concentração de quem se aproxima dela. Mas está em boa companhia, ao lado de seu parceiro que sempre foi um menino muito protetor, desde que os conhecemos, quando bebê. Espero que ele continue não deixando que ela se coloque em enrascadas.

Antes de cada soltura, eu falava com cada um dos bugios. Me despedia e desejava sorte – e eles pareciam saber que algo grande estava por vir. Era como se assentissem com os olhos, se preparando para os novos desafios da vida livre. Eu me despedia, mas torcendo para que não fosse a última vez. Mas, ciente de que poderia ser. Mas um reencontro só pode existir se antes houver uma despedida.

Termino esse trabalho, então, me despedindo, mas também querendo que seja apenas um até logo. Termino porque a parede do tempo me obriga. Mas estou em sepse. Toda essa contaminação se alastrou por todo meu corpo, deixando uma febre ardente e delirante – de quem segue inflamada, de quem não consegue conter as chamas que seguem e seguirão sempre queimando dentro de mim. Há muito mais que eu gostaria de ler e de escrever, mas terei que aceitar a interrupção deste trabalho para que eu possa finalmente sair de meu ninho – e voar em direção a novas pesquisas, quem sabe? Deixo então, algumas pontas soltas no novelo, para voltar a tecer outras malhas, em outros momentos. E me despeço, assim como me despedi dos bugios, esperando por muitos outros reencontros e entrelaces.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Instituto Fauna. **Soltura de bugio-ruivo em Florianópolis, após mais de 260 anos de extinção local**. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1J-z8eTvYOo&t=1s>. Acesso em: 18 ago. 2024.
- BRITTO, Marcos Vinícius Bohmer; SILVA, Rafael Luís Simões Souza e. Metamorfoses em nós (resenha). **Redobra**, n. 16, ano 7, p. 337-348, 2022.
- COSTA, Victor Anselmo. **Não há vida fora da diferença: gesto, solidão, alteridade**. 2018. 78 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2018.
- DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2022.
- DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais se**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-45-o-que-diriam-os-animais-se/>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 27 nov.2024.
- HIRANO, Zelinda Maria Braga. **Secreção epidérmica de *Alouatta guariba clamitans* (Primates: Atelidae)**. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59139/tde-26042012-090335/>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- IBAMA. Instrução Normativa 7, de 30 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=135756>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- INGOLD, Tim. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.
- IUCN Red List: Southern Brown Howler Monkey. **Southern Brown Howler Monkey**. 2021. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/species/39918/190419216#geographic-range>. Acesso em: 27 nov. 2024.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

SALES, Tiago Amaral. Vida. **ClimaCom – Ciência**. Vida. Educação [online], Campinas, ano 10, n. 24, abr. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/vida/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. Como criar uma paisagem em ruínas? Deslocamentos, desconstruções e a insistência de pensar a Educação Ambiental no Antropoceno. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, 2019. DOI: 10.22483/2177-5796.2019v21n1p19-38. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3524>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Piseagrama, 2023.

SELVAGEM, ciclo de estudos sobre a vida. **Emanuele Coccia e Luiz Zerbini falam sobre a metamorfose da vida**. YouTube, 2020. 6 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tjJ0pSsZ7FY>. Acesso em 27 nov.2024.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida** [E-book]. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WAAL, Frans de. **Somos inteligentes o bastante para saber quão inteligentes são os animais?** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.